

RESENHA

ECONOMICS OF THE 1%: HOW MAINSTREAM ECONOMICS SERVE THE RICH, OBSCURES REALITY AND DISTORTS POLICY.

John Weeks

London, New York: Anthem Press, 2014.

Recebido em 14 de Agosto de 2014

Aprovado em 04 de Setembro de 2014

O livro de John Weeks, *Economics of the 1%* (*Economia do 1%: Como a economia mainstream serve aos ricos, obscurece a realidade e distorce a política*), aparece em um momento oportuno de contestação crescente sobre os métodos e visões dos economistas. Em paralelo com a enorme repercussão do best-seller *O capital no século 21* de Thomas Piketty (2014), que investiga os padrões de reforçamento das desigualdades e da determinação familiar-geracional no que tange ao sucesso financeiro, Weeks corre para apresentar uma análise detalhada dos processos que tornam o campo da ciência econômica inacessível para a grande maioria da população, indo além da mera contestação de que a economia que está aí está toda errada.

A partir do embalo proporcionado pela crise do final dos anos 2000 e, em especial, do movimento *Occupy* e dos 99% (referente à população mundial que não faz parte do grupo dos ricos e poderosos), John Weeks apresenta uma crítica direta ao mundo da economia *mainstream* que domina desde o neoliberalismo dos anos 1970. São dois aspectos que conferem particularidade ao ataque de Weeks: a decidida ofensa desavergonhada e irônica a todos os meandros da enganação teórica e posição reacionária da economia dominante e o potencial alto de difusão entre o público não especialista em economia.

Por um lado, a estratégia funciona bem, chamando a atenção e tirando os sábios economistas-especialistas de seus altos pedestais protegidos pela política do *status quo*. Por outro lado, a agressividade de Weeks

TIAGO CAMARINHA LOPES

Professor da Universidade Federal de Goiás.

pode não se revelar muito aglutinadora em relação àqueles economistas tradicionais que estariam eles mesmos insatisfeitos com sua própria formação *mainstream*. Ademais, a pretensão do livro de explicar o “verdadeiro funcionamento da economia” pode desapontar, visto que diversos problemas são abordados muito rapidamente diante da impossibilidade de uma análise mais calma sobre o que é o capitalismo no espaço limitado do trabalho. Weeks está preocupado com a ignorância geral da população letrada e iletrada sobre a economia e consegue, felizmente, sacudir o raciocínio do público que recebe da mídia capitalista lições repetidas e direcionadas desde o triunfo do neoliberalismo. O estilo divertido-ofensivo funciona bem nessa desconstrução que prima, por exemplo, pela apresentação sóbria da falsidade do prêmio “Nobel” de economia, explicado com propriedade para o público em geral que se trata de uma verdadeira enganação (não existe o prêmio Nobel de Economia, mas sim o prêmio *Sveriges Riksbank Prize in Economic Sciences in Memory of Alfred Nobel* concedido pelo Banco Central da Suécia na mesma época em que o Nobel é concedido). Pouquíssimos ganhadores de tal prêmio são “salvos” por Weeks, como Amartya Sen e Gunnar Myrdal.

Tecnicamente, a composição do texto é bem construída e simétrica, onde praticamente todos os 10 capítulos possuem referências selecionadas de leituras adicionais com comentários e indicações sobre o nível técnico, o que ajuda muito o leitor que quiser prosseguir suas leituras no campo da economia.

O primeiro capítulo mostra o mundo encantado da economia do *mainstream* e a diferença brutal com a realidade. Weeks satiriza com o exemplo de ajuste imediato de preços enquanto sinalizadores fiéis da relação entre oferta e demanda com um episódio em que ele compra todo o estoque de seu próprio primeiro livro publicado enalhado em uma livraria a um preço simbólico de desova. Ele contextualiza em âmbito da história do pensamento econômico a economia do *mainstream* como o corpo que evita os economistas progressistas (keynesianos, ricardianos, marxistas, institucionalistas ou evolucionistas, p. ex.), seguindo a orientação de Keynes sobre a transformação no campo da economia (ou seja, estabelecendo sua base crítica na oposição à síntese neoclássica e à adesão ao aspecto progressista de Keynes quanto à reforma do capitalismo). Devido à total discordância entre teoria e realidade, Weeks denomina, pejorativamente e em alusão ao difundido *freakonomics*, a economia do *mainstream* como *fakeonomics* (economia da farsa).

Dos capítulos dois ao sete, as falácias e dissonâncias da teoria em relação ao mundo real são apontadas a partir da perspectiva do senso comum que se prende facilmente às explicações simplificadoras e repetidas pelos divulgadores da *fakeconomics*.

Os resultados negativos reais da competição e do mercado, por exemplo, são contrapostos ao desfecho sempre positivo da teoria e o polarizado debate sobre a responsabilidade do desemprego é bem explicado com a revelação dos propósitos políticos por trás do argumento em favor da liberalização do mercado de trabalho. Weeks consegue desmistificar a propaganda de que os trabalhadores criam desemprego com suas organizações coletivas ao trazer evidências empíricas (p. 35) e teóricas de que uma política de valorização salarial não conduz necessariamente às demissões. O capítulo 3 denuncia o mundo dos mercados financeiros como espaço de trapaça e de gerador de problemas econômicos reais para as pessoas comuns, ilustrando como os membros ricos e poderosos da alta finança, criando e destruindo leis em benefício próprio, não têm nada a ver conosco, ou seja, com os 99% da população que se esforça em (sobre)viver em um mundo deplorável.

A analogia da *fakeconomics* com a economia vulgar de Marx é feita no capítulo 4 para indicar que, nos últimos 150 anos, a apologia na teoria econômica a favor dos interesses de uma

minoridade, seja dos 1%, nos termos de NY, ou da burguesia, na linguagem de Marx, permanece. (p. 70) Sempre ridicularizando os grandes nomes da economia oficial, Weeks quebra com a ilusão de escolha livre de Milton Friedman para defender que os mercados, ao invés de ser um veículo que nos leva aos bens, são na verdade uma barreira que nos impede de usufruir dos recursos disponíveis. (p. 78) Os mitos da economia de livre mercado são sucessivamente confrontados e desmontados com constante convicção e segurança: segundo Weeks, é mentira que todos podem ser ricos, pois rico-pobre é uma relação permanente do sistema econômico atual. Além disso, ludibriar o indivíduo de que ele pode obter sucesso sozinho, exclusivamente por esforço próprio, é apenas mais uma manobra para afastar a ideia do projeto de economia socialista onde os 99% cooperam para vencerem juntos o problema econômico. (p.81) O mito do governo como carga é destrinchado nos capítulos 6 e 7, onde Weeks mostra de que maneira o discurso oficial vende a ideia de que toda ação governamental é negativa e gera desperdício. De forma coerente e com vários exemplos, o livro indica o modo como o argumento contra os gastos governamentais serve aos ricos e poderosos ao restringir o uso do produto para benefícios sociais (saúde, educação, emprego etc.).

O capítulo 8 é interessante, pois se dedica ao problema da inflação e encontra, assim, um paralelo muito nítido com a situação do Brasil,

onde há atualmente uma reprodução veloz do temor inflacionário. Para Weeks, o discurso amedrontador sobre a inflação é usado tenazmente para que as pessoas não defendam dispêndios públicos que gerem bem-estar social. Na perspectiva da *fakeconomics* incorporada pelo grande defensor da teoria quantitativa da moeda, Milton Friedman, a inflação sempre é um fenômeno monetário. O governo, portanto, criaria a inflação ao imprimir dinheiro em excesso. No entanto, é para isso que Weeks chama a atenção, não são os governos que produzem dinheiro. O dinheiro é criado pelos bancos e o governo apenas tenta controlar esse processo. (p. 147) A realidade é muito complexa para reduzir a causa da inflação ao governo e ele não tem, de qualquer forma, o controle total sobre a oferta monetária. Neste sentido, de acordo com Weeks, a *fakeconomics* se agarra ao princípio de autonomia do Banco Central, pois é este princípio que garante a ligação imediata governo-dinheiro-inflação. Mas, de fato, não se tem esse controle e nem há essa exclusividade de criação de dinheiro como a teoria tradicional supõe. O terror da inflação é um ato de classe (p. 158) direcionado para que o apoio a gastos públicos com objetivos sociais perca força. Weeks argumenta ainda que o estancamento dos salários que gera diminuição do poder de compra é vendido como se fosse inflação, como manobra para colocar a população contra todo projeto governamental de elevação do gasto

público. Em suma, postos em uma estrutura hierárquica, Weeks defende que outros problemas são mais graves para os 99% que a inflação, como o desemprego, a desigualdade e a destruição ambiental.

O programa de política econômica advindo da *fakeconomics* é, assim, apresentado no capítulo 9, onde a austeridade aparece como a institucionalização da miséria. Os cortes na saúde pública e na segurança social são o resultado de ação que deriva diretamente da teoria econômica dominante. Weeks apresenta o episódio dos PIIGS (países periféricos europeus) onde a Alemanha (guiada pelos seus 1% e não pelo povo trabalhador alemão, que comprou o discurso excludente, amparando a retomada de ideias nacionalistas e freando a integração internacionalista do Velho Continente) acusava-os de serem gastadores irresponsáveis, como forma de ilustrar o que é a política econômica dos 1% em nível internacional, em interesse dos 1% em nível mundial.

John Weeks conclui seu livro com o capítulo 10, onde se confessa assustado com o fato de que muitas pessoas aceitem o discurso da austeridade. Mas ele vê uma explicação para isso: para quem nasceu depois de 1960, não é claro como foi possível existir uma época de bem-estar social conduzido por uma política econômica diferente. Isso revela que a linha propositiva de Weeks se enquadra no keynesianismo radical

de direcionamento do processo econômico para a maioria da população, com vistas a solucionar os principais problemas do sistema econômico capitalista. O quadro na página 193 mostra que o alicerce de crítica de Weeks, neste livro, é a revolução keynesiana, vencida pela contrarrevolução da síntese neoclássica e pela domesticação das ideias progressistas de Keynes. Weeks defende assim, com base no capitalismo humano de Keynes (p. 204), que uma economia dos 99% pode nos levar para aquele ponto onde o “amor pelo dinheiro” será reconhecido socialmente como uma doença que precisa ser eliminada da face da terra. Para ele, mesmo os economistas do *mainstream* bem intencionados servem aos ricos e poderosos e a *fakeconomics* faz as pessoas pensarem em termos individuais-competitivos sobre o problema econômico, sem possibilidade alguma de cooperação social. Como alternativa, é necessário elaborar uma ciência da economia voltada para os 99%, que se inspire nos exemplos de economistas progressistas como Marx, Hobson, Keynes, Kalecki, Myrdal, Joan Robinson, Thorsten Veblen, John Commons, Galbraith, Raul Prebisch, Makoto Itoh e Arthur Lewis. (p. 192)

Para os economistas convictos da necessidade do socialismo, a posição de Weeks pode parecer muito conservadora e eclética. O pluralismo não é completo porque ele exclui a corrente criticada, e é, sob o ponto de vista metodológico-estratégico de ampliação da liberdade de ideias, o

ponto que pode gerar profundas controvérsias entre os economistas. De todo modo, é também o que dá força ao projeto. O fato é que o livro é direcionado para um público muito mais à direita do keynesianismo que ele defende e pode, assim, ter um efeito desejado de persuasão entre aqueles que querem entender porque a economia tem fracassado enquanto ciência no interesse da maioria.

Bibliografia

PIKETTY, T. *Capital in the 21st century*. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2014.